



Manifesto

Manifesto

Aos estudantes que têm para si como primeira necessidade a manutenção de uma visão crítica sobre o seu dia-a-dia e as suas implicações com as várias alternativas ideológicas existentes.

Fartos de esperar que os políticos (dos vários tipos conhecidos) abdicassem ou desaparecessem, de modo a que o lugar por eles ocupado fosse preenchido pelas pessoas que procuram o político e a vida e não o emprego na política, decidimos a parecer e dar uma imagem nossa - sobretudo uma imagem daquilo que fazemos - desde a realidade que somos e temos às utopias que procuramos ir realizando.

Coradas que foram as possibilidades de um entendimento unitário, e em que nos mostrámos dispostos a ceder grande parte da nossa autonomia, pensamos ser necessário manter uma alternativa real de escolha para os que não pensam que, como nos filmes, há os bons e os maus, e fora disso só os figurantes - que aléndo mais até são mais mal pagos que as "estrelas".

É de facto importante tirar a A.A.C. das mãos da direita mas não o é menos sabermos por o que havemos de substituir essa direita. Um espantalho, ainda que bem agitado, não deve ser suficiente para que nos obriguemos a fechar os olhos.

Aquilo que as organizações tradicionais nos oferecem, são vários esquemas de actuação (com conotações diversas e mesmo antagónicas) assentando solidamente sobre a representatividade adquirida: a qualquer delas basta uma vitória eleitoral para, a partir daí, interpretando fielmente os nossos desejos, considerarem o assunto encerrado até à próxima eleição. Até lá, o que há a fazer, é gerir a AAC.

Enfim, tudo se passa como se ela fosse uma seca dum instituição para a qual há que arranjar pessoas dispostas a sacrificarem-se por nós e para o nosso bem. Ninguém pensou (ou pensa) em tornar a AAC em algo de útil, de divertido, aberto à nossa (de todos) participação e intervenção.

A AAC, enquanto instituição "académica" deve tornar-se um meio para a realização de determinadas actividades culturais e desportivas, quer essas iniciativas partam das suas próprias estruturas, quer de grupos de estudantes que, à partida, dela não fazem parte directamente. Tudo isso deverá ser um pouco o critério da ideia que se possa ter de uma agência de emprego rápido, com prioridade para a satisfação de clientelas políticas.

Resumindo: a AAC deve ser um meio e não um fim em si. Um meio que promove e facilita o desenvolvimento de iniciativas que levem ao aparecimento de uma política (actividade) cultural nova, que toque a música, o teatro e/ou o cinema, numa

perspectiva de qualidade; que possibilite aos estudantes (e à tal população, desde que o seu interesse não se encontre limitado à visão folclórica, nas repetidas, das capas e batinas) uma alternativa ao vazio cultural coimbrão (cuja má qualidade cinematográfica é frequente, em alguns casos crónica, o teatro demasiado esporádico, a música ... etc.). A AAC deve abrir as portas das suas múltiplas salas à utilização, ainda que irregular, de todos os que as queiram utilizar. A AAC deve facilitar, e não entrar, o desenvolvimento de todos os projectos de intervenção que surgirem, ainda que estes se encontrem no papel ou nas cabeças. A AAC não vai criar, por si só, uma alternativa. Deve e não impedir que ela surja, quer agindo de claradamente contra quer mantendo uma passividade desmobilizadora.

Assim se combaterá a formação acelerada de quadros "competentes" que depois de parte de uma vida passada exclusivamente com a escola metida na cabeça facilmente substituirão esta por uma fábrica ou por uma empresa. Que se alargue o horizonte de modo a continuarmos a desejar aquilo que se considera impossível em vez de nos conformarmos com o é possível fazer. Assim pensamos conseguir mudar sem nos denitirmos (bem pelo contrário) das coisas que julgamos importante realizar já.

Não exercemos as nossas actividades em função de um discurso moral ou altruísta (que todos reconhecemos institucionalizado, vazio e sobretudo chato) ou de uma estratégia política a "nível nacional". Pensamos que as necessidades que referimos devem ser resolvidas com a nossa/vossa participação.

Nem que seja para levarmos desta vida de estudantes, hoje, não apenas o hábito do estudo mas também um pouco de vontade/gosto/prazer de viver, para o futuro.

● "consumir é a compensação para a impossibilidade de criar".

